

**A SOCIOLOGIA DURKHEIMIANA NO CONTEXTO DA
REVUE DE SYNTHÈSE HISTORIQUE (1900-1914):
DIÁLOGOS ENTRE O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE NA
CONSTRUÇÃO DA SÍNTESE HISTÓRICA DE HENRI BERR¹**

**DURKHEIMIAN SOCIOLOGY IN THE CONTEXT OF THE
REVUE DE SYNTHÈSE HISTORIQUE (1900-1914):
DIALOGUES BETWEEN INDIVIDUAL AND SOCIETY IN
THE CONSTRUCTION OF THE HISTORICAL SYNTHESIS
OF HENRI BERR**

Miguel Kanceliskis DRIGO*

Resumo: Em 1900, o filósofo francês Henri Berr criou a *Revue de synthèse historique* (RSH), que buscou ser a primeira revista focada na área de Teoria e Metodologia da História na França. Neste artigo, buscamos avaliar quantitativamente a presença dos sociólogos durkheimianos convidados a publicar nesta revista no período entre 1900 e 1914 e analisar o debate que ocorreu entre eles e Henri Berr acerca do peso do social e do individual nas pesquisas científicas. A presença dos durkheimianos na RSH demonstra uma atuação mais abrangente ao ocupar outros espaços científicos editoriais, buscando defender e conquistar posições institucionais e intelectuais de maior destaque em diferentes áreas, como a da História.

Palavras-chave: Henri Berr; História da Historiografia; *Revue de synthèse historique*; Sociologia durkheimiana.

Abstract: In 1900, the French philosopher Henri Berr founded the *Revue de synthèse historique* (RSH), which aimed to be the first journal focused on the Theory and Methodology of History in France. In this study, we aimed to quantitatively evaluate the participation of the durkheimian sociologists that were invited to publish in this journal between 1900 and 1914. We also sought to analyse the debate between these sociologists and Henri Berr over the relevance of the individual and the society in scientific research. The durkheimian presence in the RSH shows a more comprehensive involvement by occupying other scientific publishing spaces in search of institutional and intellectual positions of greater prominence in different fields, such as History.

Keywords: Henri Berr; History of historiography; *Revue de synthèse historique*; Durkheimian sociology.

Introdução

Os sociólogos durkheimianos apresentaram pesquisas inovadoras no periódico *l'Année sociologique* (doravante, AS), fundado por Émile Durkheim (1858 – 1917) entre o final do século XIX e o início do século XX. No entanto, não se restringiram a essa revista, ocupando também outros espaços editoriais, como as revistas *Revue de métaphysique et de morale*, *Revue philosophique*, *Revue historique* e também a *Revue de synthèse historique* (doravante, RSH), objeto da presente investigação. Essa última,

* Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR). E-mail: migueldrigo@gmail.com.

fundada por Henri Berr (1863 – 1954) em 1900, foi o primeiro periódico francês a focar em textos sobre Teoria e Metodologia da História. Os durkheimianos foram convidados por Berr para ali ocuparem um espaço e, de fato, participaram dessa empreitada ao longo do período analisado, embora de forma inconsistente, com participações desiguais entre os pesquisadores e maior presença de alguns deles. Assim, objetivamos compreender a amplitude da participação dos sociólogos durkheimianos na RSH no período entre 1900 e 1914 e como se deu, em um âmbito intelectual, a relação entre esses sociólogos e Henri Berr.

Em um primeiro momento apresentamos como ocorreu a colaboração entre os pesquisadores durkheimianos, organizados ao redor de Émile Durkheim e seu projeto de uma sociologia científica, divulgado, sobretudo, no periódico *l'Année sociologique*. Tomamos como base o trabalho de Philippe Besnard (1979), que analisou o surgimento do grupo e apresentou uma lista de intelectuais que considerou relevantes no âmbito da conhecida Escola Sociológica Francesa. Além disso, Besnard também propôs um diagrama de relações dentro da equipe durkheimiana, apresentando os grupos e os subgrupos com maior peso dentro do projeto.

Ainda, apresentamos a proposta da *Revue de synthèse historique* e alguns dados quantitativos referentes à participação do grupo de Émile Durkheim entre 1900 e 1914. Longe de ter sido um adepto da síntese histórica berriana, Durkheim aceitou o convite de Berr e marcou presença na revista. As propostas teóricas desses autores se opunham, o que gerou um debate pautado em propostas teórico-metodológicas sobre o papel do indivíduo e da sociedade nas análises científicas, com vistas a defender diferentes posições intelectuais e institucionais. Enquanto os durkheimianos tinham um foco maior no social, característica marcante em seus trabalhos, Henri Berr buscou construir uma teoria que englobasse tanto o social quanto o individual, aspecto que acreditava ser ignorado pelos sociólogos. Tal debate mostra o peso diferenciado que estes pesquisadores davam a estes aspectos analíticos. Vale notar que Henri Berr dedicou longas passagens para analisar, criticar e elogiar os sociólogos durkheimianos enquanto estes escreveram poucas linhas para responder aos comentários da teoria berriana.

A formação da equipe durkheimiana e a l'Année sociologique

Entre o final do século XIX e o início do século XX, houve uma espécie de “moda” sociológica na França, em que diversos trabalhos apareceram com títulos que remetiam

aos termos “sociologia” e “ciências sociais” (MOSBAH-NATANSON, 2011). Dentre as revistas que divulgaram tais discussões, encontramos a *l'Année sociologique* e a *Revue internationale de sociologie*, criada em 1893 por René Worms (1869 – 1926) (MUCCHIELLI, 2001). Em artigos publicados na *l'Année sociologique*, sociólogos durkheimianos explicaram a sua definição do termo “sociológico” para defender a institucionalização desta disciplina científica e seu reconhecimento intelectual. No momento da fundação do AS e da organização dos durkheimianos, outras mobilizações da Sociologia também eram propagadas por diferentes intelectuais e escritores, porém não obtiveram tanto sucesso intelectual e institucional.

A trajetória de Émile Durkheim é importante para entender o contexto do uso de termos como Ciências Sociais e Sociologia. Em 1887, ele foi convidado para ser *chargé de cours*² na Universidade de Bordeaux, na cátedra intitulada “Ciências Sociais e Pedagogia”, a primeira, na época, a conter o termo “ciências sociais” no título. Fruto de um esforço de expansão e diversificação do sistema de ensino e pesquisa francês, a Sociologia buscava um lugar de destaque ao lado de disciplinas mais consolidadas, como a História e a Filosofia. Durkheim foi convidado para ali lecionar em um contexto de reorganização do sistema de ensino e de pesquisa, com vistas a institucionalizar novas disciplinas (RINGER, 1992).

A movimentação para a criação do AS começou em meados de 1895, quando Durkheim encarregou Célestin Bouglé (1870 – 1940) de assumir as tratativas com a editora Alcan. No ano seguinte, com a empreitada já acertada, iniciou o processo de recrutamento de novos colaboradores, juntamente com a divisão de tarefas e a elaboração do modelo a ser adotado (BESNARD, 1979). Em 1898, quando o primeiro número foi publicado, diversos pesquisadores já estavam envolvidos com o projeto; dentre os doze que participaram desde o início, identificamos algumas características em comum. Todos eram *agrégés*³, ou seja, foram bem-sucedidos no exame de *agrégation*, símbolo de destaque no campo intelectual francês. Esse concurso possibilitava que se lecionasse nos anos finais do ensino secundário e, para os primeiros colocados, também em universidades provinciais (RINGER, 1992). Dividindo-os por suas *agrégations*: oito eram de filosofia, como Émile Durkheim (1858 – 1917), Gaston Richard (1860 – 1945), Paul Lapie (1864 – 1927), Célestin Bouglé (1870 – 1940), Dominique Parodi (1870 – 1955), Marcel Mauss (1872 – 1950), François Simiand (1873 – 1935) e Paul Fauconnet (1874 – 1938); 2 eram de história e geografia, Henri Hubert (1872 – 1927) e Albert Milhaud (1871 – 1955); 1 de gramática, Henri Muffang (1864 – ?) e um de direito,

Emmanuel Lévy (1871 – 1944) (BESNARD, 1979). Além disso, metade havia frequentado a *École Normale Supérieure* (ENS), importante instituição francesa. De acordo com Pierre Bourdieu e Monique Saint-Martin (2001), a participação nesse espaço de sociabilidades era importante, pois:

[...] todo *normalien* participa, em graus diferentes, desse universo de virtudes que os *normaliens* reúnem naturalmente sob o adjetivo *normalien* (“humor *normalien*”): nessa combinação única de virtudes intelectuais e morais que “a elite” do corpo professoral se reconhece e que funda sua convicção de constituir uma elite simultaneamente intelectual e moral, se exprime toda a posição desse corpo na estrutura das relações de classe (BOURDIEU, SAINT-MARTIN, 2001, p. 209).

Com a continuidade das publicações do periódico sociológico, membros mais jovens foram recrutados, mantendo as características de *agrégés* e/ou *normaliens*. Identificamos os nomes de Maurice Halbwachs (1877 – 1945), Robert Hertz (1881 – 1915), Georges Davy (1883 – 1976), *agrégés* de filosofia; Albert Demangeon (1872 – 1940), *agrégé* de história e geografia; Louis Gernet (1882 – 1962), *agrégé* de gramática, entre outros. Estes foram, de modo geral, os que se organizaram ao redor da *l'Année sociologique*. Além dos aspectos intelectuais, outras características contribuíram para que estes autores permanecessem relativamente próximos, como a identificação e a atuação política, já que em sua maioria, reconheciam-se e militavam dentro do espectro da esquerda francesa.

Com a 1ª Guerra Mundial, a publicação do AS começou a enfrentar dificuldades e foi interrompida. A guerra teve um grande impacto na sociedade francesa e, principalmente, na juventude intelectual, gerando a perda de incipientes pesquisadores, como André Durkheim, filho de Émile. Contudo, nesse meio-tempo, entre a criação e a interrupção do AS, os sociólogos conseguiram alcançar posições de destaque no sistema de ensino e pesquisa francês⁴. Isso os auxiliou na divulgação científica e na consolidação da disciplina, principalmente nas Faculdades de Letras. Dentre os que lograram postos institucionais, podemos citar: Émile Durkheim, que após sua passagem como professor em Bordeaux, em 1902, assumiu o cargo de professor substituto na Universidade de Paris; Henri Hubert e Marcel Mauss, que galgaram postos como *maîtres de conférences* na *École Pratique des Hautes Études*, em 1901 e 1902, respectivamente; e Célestin Bouglé, que foi professor de Filosofia na Faculdades de Letras em Toulouse (BESNARD, 1979).

Nota-se então a bem-sucedida empreitada da institucionalização das Ciências Sociais no ensino superior na França. “Como toda inovação epistemológica notável, a

sociologia durkheimiana deve sua fortuna pública, bem ou mal, à conjunção singular de quadros sociais de recepção mais ou menos favoráveis e de um esforço mais ou menos consciente de autopromoção”⁵ (KARADY, 1979, p. 49). Além de publicarem e divulgarem seus textos na própria revista, os durkheimianos também estiveram presentes em outros periódicos. Esse movimento se deu com o objetivo de defenderem suas proposições teórico-metodológicas perante outros públicos, como o dos historiadores no caso da *Revue de synthèse historique*.

Os durkheimianos na Revue de synthèse historique (1900 – 1914)

Em 1900, Henri Berr fundou a *Revue de synthèse historique* com o objetivo de ser a primeira revista científica francesa a discutir principalmente Teoria e Metodologia da História. A ideia de síntese histórica esteve presente no pensamento berriano desde o início de sua carreira como pesquisador. Após alguns anos de estudo na *École Normale Supérieure*, logrou sucesso em 1884 na *agrégation en Lettres*, ao ficar em 4º lugar no concurso. Alguns anos depois, em 1889, defendeu sua tese de doutorado em Sorbonne, intitulada *La synthèse des connaissances et l’histoire – Essai sur l’avenir de la philosophie* (A síntese dos conhecimentos e a história – Ensaio sobre o futuro da filosofia, em tradução livre). Berr foi professor de retórica desde 1886, no prestigioso liceu Henri-IV, em Paris, onde permaneceu durante trinta anos, até a sua aposentadoria (DELORME, 1952). Além da revista, também ficou conhecido por levar a cabo outros projetos, como o *Centre international de synthèse* e como editor da coleção *L’Évolution de l’humanité* (GEMELLI, 1987).

No período selecionado para a análise, entre 1900 e 1914, a RSH manteve uma estrutura e periodicidade de publicação. Seu primeiro número foi lançado em agosto de 1900 e se manteve regular até 1914, sendo publicada bimestralmente, até ser interrompida pela primeira vez devido à eclosão da 1ª Guerra Mundial⁶. Nesse período, contamos com um total de 84 números, divididos em 28 tomos. Em um levantamento interno, notamos que a revista era dividida em três partes: artigos, resenhas e comentários. Os textos principais, os artigos, apareciam em três rubricas diferentes: o *Articles de fond*, criado com a intenção de abrigar as discussões de teoria da história; a *Revue générale*, local de publicação do inventário do trabalho histórico em realização e, também, dos textos historiográficos que utilizassem a síntese histórica (BERR, 1900); e, por fim, criada em 1903, a rubrica *Les régions de la France*, com foco em artigos que analisavam regiões

específicas da França a partir de uma perspectiva da psicologia histórica (BERR, 1903). A seção de comentários foi denominada *Notes, questions et discussions*, onde eram publicados comentários gerais, notícias sobre congressos, cartas, entre outros. Por fim, na parte das resenhas, havia duas seções: a primeira, presente desde o lançamento da revista e intitulada *Bibliographie*, abrigava resenhas que variavam entre algumas linhas até 3 páginas; a segunda, criada em 1903, chamou-se de *Revue critiques*, com resenhas de maior fôlego e análises e comentários mais aprofundados.

Se a RSH focou, ao menos inicialmente, em Teoria e Metodologia da História, como os durkheimianos se relacionaram com ela? É possível responder a esse questionamento de duas formas. Um primeiro tipo de relacionamento ocorreu no âmbito familiar. Henri Berr se casou com Cécile Halphen, que pertencia a uma rica família judaica de homens de negócios e engenheiros. Jacques Halphen, engenheiro ligado ao mundo intelectual e cunhado de Berr, casou-se com a filha de Émile Durkheim, Marie Belle. Berr e Durkheim possuíam então uma relação familiar, ainda que distante (GEMELLI, 1987). Apesar disso, a partir das fontes não é possível determinar qual foi o nível de proximidade deles, tampouco seu peso no empreendimento intelectual, ainda que houvesse, em certos momentos, uma explicitação desse relacionamento, como quando Émile Durkheim, em carta enviada a Lucien Lévy-Bruhl, escreveu que Henri Berr o avisara de que uma pessoa havia visto André Durkheim bem, em algum momento de 1914, durante a 1ª Guerra Mundial (MERLLIÉ, 2017).

Em outra instância, lembramos que os durkheimianos foram convidados a participar do projeto de Henri Berr e, a princípio, ficaram receosos com a solicitação, cogitando até mesmo a recusa. Apenas posteriormente mudaram de abordagem e deferiram o convite. Henri Hubert, em correspondência à Marcel Mauss, relatou:

Eu vi hoje Henri Berr, professor no Liceu Henri IV, amigo de Sylvain Lévi. Ele fundou na [editora] Cerf uma Revista de Síntese Histórica. [...]. Ele veio pedir minha colaboração para a história das religiões. Eu não lhe disse não. [...]. Ele tem simpatia pela gente [...]. Por outro lado, me parece útil que nós estejamos lá, útil para a *Année* [sociologique], útil para nosso grupo. Nós não temos tantos meios de difundir nossas ideias. [...]. Creio que tal revista possa ser uma concorrência para a *Année* se nós não estivermos lá, e um excelente apoio se estivermos⁷ (HUBERT, Henri. [carta] c. 1900 [para] MAUSS, Marcel)⁸.

Por sua vez, Marcel Mauss buscou alertar o colega dos problemas dessa empreitada e apresentou suas ressalvas. Ele respondeu que:

[...] no que concerne H. Berr, se eu tenho um conselho a te dar, de forma clara, é o de não funcionar. Em primeiro lugar, suas ideias não são mais do que vagas. A síntese histórica não quer dizer nada. Em segundo lugar, teu raciocínio me parece errado quando você diz: ‘Se estivermos [na RSH], não é uma concorrência à *Année*, se não, é uma’. É o contrário, para mim, o que se produziria, ‘se nós entramos [na RSH], é uma concorrência à *Année*’, porque o importante é precisamente que nós sejamos os únicos a fazer o que fazemos na *Année* e que, sendo os únicos, que façamos somente na *Année*⁹ (MAUSS, Marcel. [carta] c. 1900 [para] HUBERT, Henri).

Émile Durkheim, em um primeiro momento, enviou uma missiva para Henri Hubert negando a colaboração e criticando a abordagem que Henri Berr fez da sociologia (DURKHEIM, s/d). Contudo, em 1900, em outra carta, desta vez para Célestin Bouglé, Durkheim comentou que aceitou o convite. Escreveu: “A insistência de Berr foi tanta ao ponto de eu decidir que devemos nos juntar a ele; está entendido que seremos nós os colaboradores regulares da Revista [de síntese histórica], no que concerne a sociologia”¹⁰ (DURKHEIM, 1976 [1900], p. 177). Assim, notamos como Durkheim e os durkheimianos, após um primeiro momento de recusa, aceitaram participar do projeto de Henri Berr, ainda que desconfiados.

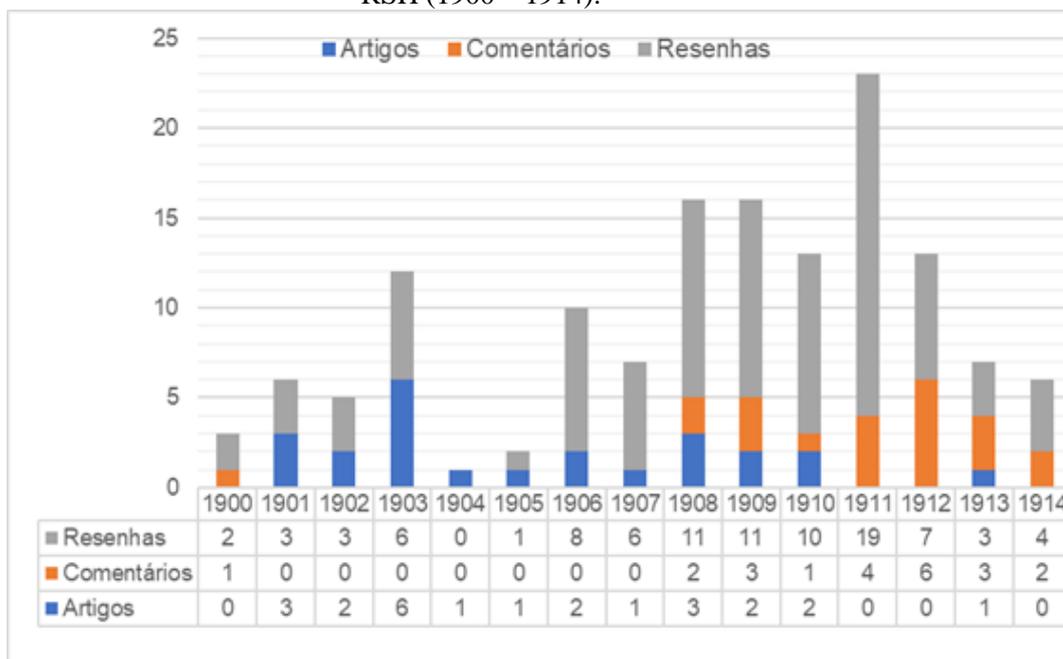
Em seu texto de abertura da RSH, em agosto de 1900, Berr reforçou a parceria com a Escola Sociológica Francesa, afirmando que “[...] haverá, então, nessa revista, uma parte de sociologia positiva; e essa parte deverá vir, pois eles quiseram se encarregar, dos colaboradores da *l’Année Sociologique*”¹¹ (BERR, 1900, p. 4). Henri Berr, ao insistir em convidar os sociólogos durkheimianos para participarem da RSH e serem os responsáveis pelos textos sociológicos, apontou para a tentativa de garantir desde o começo o sucesso e a visibilidade da revista para pesquisadores de diversas áreas, tirando proveito do relativo sucesso que já havia sido conquistado por eles na *l’Année sociologique*. Henri Berr não se equivocou com a sua afirmação, mas até que ponto houve essa colaboração?

Em uma análise quantitativa, percebemos que houve um envolvimento dos durkheimianos com a RSH. Christophe Prochasson (1996) acertou em notar a inconsistência na participação dos sociólogos, mas errou ao diminuir e não contabilizar a presença total desses na revista de história. O historiador francês aferiu somente quatro resenhas (uma de Hubert, uma de Durkheim e duas de Bourgin) e dois artigos (de Durkheim e Simiand). Contudo, em uma análise própria dessa participação, constatamos outros dados.

Entre 1900 e 1914, publicaram no periódico de Berr os sociólogos: Henri Beuchat, Célestin Bouglé, Hubert e Georges Bourgin, Georges Davy, Paul Fauconnet, Henri

Hubert, Paul Huvelin, Jean-Paul Lafitte, Isidore Lévy, Albert Milhaud, Dominique Parodi, Gaston Richard¹², François Simiand e Émile Durkheim. Ao todo, eles publicaram 145 textos, dentre os quais: 22 artigos, 100 resenhas e 23 comentários. Apesar disso, a participação esteve longe de ser igualitária, já que a maioria publicou poucos textos, como Durkheim com somente dois. Deste último, houve o novo prefácio à segunda edição do livro *As Regras do Método Sociológico*, intitulado *De la méthode objective en sociologie* (DURKHEIM, 1901), e uma resenha de uma página sobre o livro *Précis de sociologie*, de Georges Palante (DURKHEIM, 1902). O durkheimiano mais participativo foi Georges Bourgin, que escreveu 4 artigos, 15 comentários e 80 resenhas. Ele estudou na *École de Chartes*, foi membro da *École française de Rome* e trabalhou durante grande parte de sua vida no *Archives Nationales*, entre 1904 e 1944. Ademais, foi cofundador e diretor do *Institut français d'histoire sociale* (FRANÇOIS, 1959).

Gráfico 1 - PUBLICAÇÕES DOS SOCIÓLOGOS DURKHEIMIANOS NA RSH (1900 – 1914).



Fonte: o autor (2020).

No Gráfico 1, notamos a variação e a inconsistência na publicação de textos por parte dos durkheimianos na RSH. A maior parte, como já apontado, foi a publicação de resenhas, sobretudo entre o período de 1908 a 1911, época em que Georges Bourgin foi mais ativo. Por sua vez, os artigos e comentários na revista foram mais esparsos e escassos, tendo um pico em 1903. Neste ano, Georges Bourgin, Paul Huvelin e François Simiand publicaram, cada qual, dois artigos. Vale ressaltar que o texto de Simiand foi o seu clássico *Méthode Historique et Science Sociale* (SIMIAND, 1903a; 1903b), em duas partes. A maior parte das publicações desses pesquisadores estava próxima de suas áreas

de origem, ou seja, nas disciplinas correlatas às suas formações universitárias e/ou ao concurso de *agrégation*.

É importante ressaltar que, ao longo dos anos, os durkheimianos marcaram presença na RSH, ainda que de forma relativamente pouco expressiva em dados quantitativos, com a ocorrência de apenas uma contribuição em alguns anos, como em 1904. A partir do artigo de Besnard (1979), identificamos que a maior parte das contribuições dos durkheimianos para a RSH veio de pesquisadores mais afastados do núcleo central do projeto, identificado por autores como Émile Durkheim, Marcel Mauss, Henri Hubert e François Simiand. Contudo, houve também textos significativos ali publicados, conforme visto acima, na análise do artigo sobre as respostas dadas por agentes de peso dentro da equipe durkheimiana, a saber, o fundador e seu sobrinho. Além disso, outros textos também geraram repercussão, como o artigo *Les progrès de la sociologie religieuse* (1906) e o livro *A Síntese em História* (1946 [1911]) de Henri Berr. Ambos receberam respostas dos sociólogos durkheimianos, cujas críticas se voltaram principalmente para o aspecto da relação entre o individual e o social, uma das temáticas de maior relevância dentro desse contexto, que analisaremos em seguida. Enquanto os durkheimianos defendiam uma participação maior do aspecto social nas análises, Henri Berr acreditava que sua proposta de síntese histórica poderia ser um meio-termo entre o social e o individual. Para tanto, esses pesquisadores publicaram diversos textos com vistas a defender suas propostas teórico-metodológicas em plataformas variadas, como a RSH.

Entre o individual e o social: a sociologia durkheimiana e a síntese berriana

Em resposta a Henri Berr, os durkheimianos discutiram a relevância do indivíduo e da sociedade na construção do processo da análise científica. Enquanto Berr afirmava que o indivíduo também deveria ser levado em conta nas análises dos sociólogos, os durkheimianos, por sua vez, se defendiam das críticas em passagens rápidas, dispersas em alguns textos. Para compreendermos esse conjunto de propostas e respostas, selecionamos dois escritos de Berr: o artigo publicado na RSH, intitulado *Le progrès de la sociologie religieuse* (BERR, 1906), e o livro, *A Síntese em História* (1946 [1911]), no qual Berr apresentou um balanço inicial de sua teoria. Também selecionamos duas publicações dos durkheimianos: uma introdução da obra organizada por Henri Hubert e

Marcel Mauss, *Mélanges d'histoire des religions* (1909), e uma resenha do livro de Berr, escrita por Durkheim (1911) e publicada na *l'Année sociologique*.

Entender a concepção de síntese histórica de Berr nos ajuda a compreender suas críticas aos durkheimianos. Iniciaremos as análises a partir de seu livro, publicado em 1911, no qual buscou apresentar sua visão de uma teoria da História e, conseqüentemente, a relação desta disciplina com outras, em especial com a Filosofia e a Sociologia. Segundo Berr, existiriam dois graus de síntese: a erudita e a científica. A historiografia, influenciada pela Filosofia da História e pela erudição, se encontraria naquele momento no primeiro patamar da síntese erudita e, ao seguir os processos delineados por Berr, poderia passar ao segundo patamar e adquirir um caráter científico. Para ele, “ao mesmo tempo que a síntese erudita acumula os materiais, reúne os fatos, a síntese científica deve cuidar de os unificar, deve conduzi-los a princípios explicativos” (BERR, 1946 [1911], p. 27).

O objetivo principal da síntese científica seria o de encontrar a forma pela qual generalizações hipotéticas poderiam ser separadas, confirmadas e coordenadas, ou seja, encontrar a causa, o porquê; todo fato teria uma causa. A História, portanto, investigaria as diversas causalidades e as relações que mantêm entre si. Para Henri Berr (1946 [1911]), a causalidade se dividiria em três categorias: a primeira seria a contingência ou o acaso; a segunda, a necessidade ou o social; e a terceira, a lógica ou a ideia¹³.

A contingência seria o estudo do imprevisível, do que é estranho à ordem. Na História, existiriam dois tipos de acaso. O primeiro, o natural, agiria sobre toda a sociedade — como terremotos, secas e epidemias; o segundo, o individual, ocorreria sobre a coletividade e por intermédio dos indivíduos. O estudo dessa causalidade se daria através do entendimento entre o acaso, fenômenos independentes e imprevisíveis, e a ordem, fenômenos recorrentes que poderiam ser explicados através de leis históricas, buscando compreender a relação mantida entre ambos. Um exemplo seria o que Berr chamou de individualidade coletiva, a compreensão da relação entre a raça, com sua instabilidade, ou seja, com imprevisibilidades, e o meio geográfico, com sua estabilidade temporal (BERR, 1946 [1911]). Nesse aspecto, a História seria auxiliada por outras disciplinas, como a Antropologia, que estudaria os traços psicológicos gerais de uma determinada raça, e a Etnologia, que determinaria as divisões da raça.

A segunda causalidade foi denominada de necessidade, também entendida como o social ou a sociedade. Aqui, debateu-se até que ponto o indivíduo é independente da sociedade e como a sociedade afetaria a História, principalmente a partir das instituições

jurídico-políticas e econômicas. Neste trecho, por tratar do estudo do social, Berr fez diversas menções aos durkheimianos. Primeiro, de forma elogiosa:

Ao passo que alguns [pesquisadores] se reúnem sem realmente colaborar, discutem sem persuadir, em torno de Durkheim constitui-se uma equipe cooperadora e quase uma escola; e, ao passo que alhures os espíritos diversos que se encontram, não só não tratam suficientemente de se despersonalizar, mas chegam, por vezes, a afetar originalidade, lá se quer fazer obra realmente científica, isto é, impessoal (BERR, 1946 [1911], p. 109).

Para Berr, os durkheimianos seriam responsáveis por transformar a Sociologia em uma ciência, utilizando um método rigoroso. Ele afirmou que se aproximaria do grupo durkheimiano e de suas ideias “na medida precisa em que nos parece que ele [Durkheim] faz ciência verdadeira; dele nos afastaremos quando se nos afigure tornar-se sistemático e, ele também, tender para constituir uma doutrina” (BERR, 1946 [1911], p. 110). Com isso, Berr sugeriu que, por vezes, os durkheimianos erravam ao sobrevalorizar o papel do social e da sociedade nas análises sociológicas, ignorando o papel dos indivíduos. Segundo Berr, isso aconteceria quando ocorresse de a equipe durkheimiana:

[...] exagerar o papel deste *objeto* que é a sociedade, por não se contentarem em lhe precisar a natureza; quando tendem a dar da história uma interpretação puramente sociológica, não têm razão, por seu termo. Voltam, a despeito de tudo, à filosofia da história; caem no erro que nos outros, e com justo título, severamente denunciaram (BERR, 1946 [1911], p. 112).

O regresso a uma Filosofia da História estaria na questão da primazia do social como o único agente da história. Tal crítica já estava posta desde seu artigo de 1906 sobre a sociologia religiosa. Apesar da sociedade ter um papel importante na análise histórica e sociológica, Berr acreditava que o indivíduo não deveria, nem poderia, ser esquecido ou subestimado, pois segundo ele:

[...] não seria demasiado insistir nessa observação, que o estudo da sociedade como sociedade é restrito e que o que se produz *na* sociedade não é produzido exclusivamente *pela* sociedade. Definimos as contingências diversas, as contingências de amplitude variada, que intervêm na história dos povos. A necessidade social apenas lhes limita o jogo. Precisamos o papel da imitação e mostraremos como ele está ligado às particularidades individuais (BERR, 1946 [1911], p. 114).

Nessa citação, percebemos novamente a crítica aos durkheimianos, no sentido de que não se poderia evadir do papel do indivíduo na sociedade. Além disso, também

percebemos uma influência da sociologia de Gabriel Tarde (1843 – 1904), no que se refere ao estudo do papel da imitação¹⁴. Da mesma forma que os sociólogos durkheimianos sobrevalorizavam a sociedade, para Berr, Tarde também estaria equivocado ao dar demasiada importância ao fenômeno da imitação. Assim, ele buscou se colocar como um contraponto entre as teorias de Durkheim e Tarde, tirando da Sociologia a função da análise da relação entre indivíduo e sociedade e passando-a para a História e, em particular, para sua teoria da *síntese histórica*. Essa proposição berriana ocorreu após controvérsias entre Durkheim e Tarde, que debateram sobre diversos aspectos conceituais de suas teorias (CONSOLIM, 2011).

Como última causalidade da História, Berr indicou o papel da lógica ou da ideia. O estudo da lógica, em História, visaria entender a relação entre indivíduo e sociedade, tendo como foco as ideias e a mentalidade dos indivíduos. Enquanto a necessidade, segunda categoria da causalidade, analisaria a relação entre indivíduo e sociedade, com maior foco nessa última, a lógica, terceira categoria da causalidade, manteria um foco maior no indivíduo. Para Berr, a sociedade seria formada a partir da luta do humano contra o meio, o que teria gerado uma reciprocidade e uma sociabilidade que, por sua vez, levariam à uma organização social e, conseqüentemente, às sociedades (BERR, 1946 [1911], p. 110). Novamente, por tratar da relação entre indivíduo e sociedade, o criador da RSH fez críticas aos durkheimianos, no mesmo sentido das anteriores. Segundo Berr:

[...] agora que, de um modo geral, censuramos à escola durkheimiana o seu sociologismo exagerado, é curioso que corrijamos aqui as suas fórmulas, concedendo menos que ela à individualidade: esse sociologismo comporta, paradoxalmente, uma base de individualismo excessivo. Temendo que a sociologia aparecesse como “um corolário da psicologia”, Durkheim fez da sociabilidade, para reproduzir expressões já citadas, um “produto da vida social”, em vez de um “instinto congênito do gênero humano”. O indivíduo é vazio, do ponto de vista social, é *tábula rasa*: é *associal* (BERR, 1946 [1911], p. 145).

Henri Berr aprofundou a crítica aos durkheimianos ao afirmar que estes chegariam a ver o indivíduo como um ser *associal*. Porém, para além do aspecto teórico, acreditamos que as críticas de Berr também tinham como intenção a demarcação de um objeto de pesquisa da História. Como ciência, essa disciplina poderia abarcar e utilizar os métodos de outras disciplinas das ciências humanas, como a Sociologia. Os textos de Henri Berr também serviram como uma defesa de seu método de análise, a síntese histórica, que seria capaz de analisar a sociedade de um modo mais profundo, levando em consideração tanto o indivíduo como a sociedade. Assim, apesar dos elogios tecidos aos sociólogos,

merecedores dos louros por apresentarem uma sociologia científica, a História seria uma ciência ainda mais ampla e passível de utilizar os métodos de outras ciências, quando necessário (DRIGO, 2020).

Émile Durkheim, quando resenhou a obra de Henri Berr, respondeu de forma breve às críticas recebidas pelo grupo. Para Durkheim, o sociólogo não teria as mesmas restrições que o historiador, e poderia abstrair o papel do indivíduo em determinadas análises. Também defendeu que, em algumas análises sociológicas, o papel do indivíduo seria levado em conta. Segundo Durkheim:

O historiador não pode fazer abstração do variável, do individual que tem um papel no desenvolvimento histórico; e a principal crítica que ele nos dirige é a de negar esse papel. Contudo, em uma passagem que o Sr. Berr cita, nós reconhecemos que os personagens históricos eram fatores da história. Mas, além de acreditarmos que sua influência foi em grande medida exagerada, nós mostramos que eles mesmos têm causas e, em parte, sociais⁴⁶ (DURKHEIM, 1913, p. 27).

Dessa forma, Durkheim buscou defender a posição e a relevância científica da Sociologia, que seria uma disciplina capaz de estudar de maneira tão válida quanto a História o mesmo objeto — a sociedade. Ao retornarmos para os textos de 1906 e 1909, o artigo de Berr e a introdução de Marcel Mauss e Henri Hubert, respectivamente, notamos como essas críticas e respostas já estavam ali presentes. No livro *A Síntese em História* (1946 [1911]) e no artigo *Le progrès de la sociologie religieuse*, Henri Berr (1906) elogiou diversas vezes os trabalhos dos sociólogos. Contudo, as críticas da primazia do social e do apagamento do indivíduo nas análises sociológicas já apareciam. Segundo Berr, os sociólogos durkheimianos praticavam, por vezes, a psicologia social. Ele afirmou que:

Um mérito capital da escola sociológica nos parece ser contribuir, seguindo os antropólogos ingleses, em criar uma psicologia dos espíritos primitivos e simples que reage contra as ideias tradicionais, de reconstituir uma mentalidade singular que não tem relação alguma com a lógica clássica, com os procedimentos discursivos de nossas mentes de europeus adultos⁴⁷ (BERR, 1906, p. 27).

Na introdução da obra *Mélanges d'histoire des religions* (1909), Marcel Mauss e Henri Hubert se defenderam da acusação de realizarem uma psicologia social ao colocarem:

[...] nos dizem, vocês fazem psicologia social, e não sociologia. Pouco importa a etiqueta. Nós preferimos essa de sociólogos e vejamos por quê. É que nós jamais consideramos as ideias dos povos, abstração feita dos povos. Em sociologia, os fatos da psicologia social e os fatos da

morfologia social estão ligados por laços íntimos e indissociáveis⁴⁸ (HUBERT & MAUSS, 1909, p. 28).

Contudo, essa não teria sido a principal crítica ao grupo da *l'Année sociologique*. As diferenças entre o criador da RSH e os durkheimianos continuaram na relação entre o indivíduo e a sociedade nas análises científicas. Henri Berr (1906) apresentou sua definição do que seria o social e em quais pontos ela se aproximaria ou se afastaria da visão dos sociólogos. Para ele:

O social, propriamente dito, é, em definitivo, *isso que é fundado sobre as necessidades de um grupo permanente enquanto grupo*. Disso, essa característica de autoridade, por vezes consentida e restringida, que lhe é inerente. A sociedade implica a sociabilidade humana, as faculdades humanas, mas ela constitui, sem dúvida, uma natureza *sui generis*. Aqui a escola durkheimiana tem razão, cem vezes razão. “A sociedade não é uma simples soma de indivíduos, mas o sistema formado por sua associação representa uma realidade específica que tem suas características próprias”; ela se dá e ela desenvolve pouco a pouco uma organização que responde a necessidades especiais. Todos os indivíduos que fazem parte dela, como seres sociais, sentem mais ou menos confusamente essas necessidades. Alguns as sentem mais. A iniciativa individual, a imitação, os estados de sensibilidade coletiva intervêm no desenvolvimento da sociedade; mas tudo isso, mesmo afetando a organização social, nem sempre atende às necessidades específicas da sociedade. O estudo dessas necessidades e disso que, entre as representações dos homens, responde a essas necessidades, é a psicologia social. E o estudo comparado das *instituições* apropriadas a essas necessidades, do desenvolvimento dessas instituições, em sua relação com as *formas* da sociedade, é a sociologia⁴⁹ (BERR, 1906, p. 42).

Nesse sentido, Henri Berr diferenciou a Psicologia Social, o estudo das necessidades e das representações dos humanos que respondem a essa necessidade, da Sociologia, estudo comparado das instituições e de sua relação com a sociedade. Além disso, Berr defendeu desde cedo a importância da História (científica) nas análises sociais, colocando a Sociologia como uma disciplina auxiliar.

Assim, percebemos as diferenças e também as aproximações entre as propostas de Henri Berr e dos sociólogos durkheimianos. O idealizador da RSH elogiou em diversos momentos a equipe de sociólogos por seus métodos e por serem capazes de elevar a Sociologia ao patamar de ciência. É possível entender esses comentários como uma forma de defesa, de ambas as partes, de suas disciplinas, buscando afirmar a importância delas em relação às outras. Enquanto Berr, com sua proposição da síntese científica, procurou dar primazia à História, com as outras ciências humanas auxiliando-a na tarefa de análise, a equipe durkheimiana buscou defender as suas posições, a legitimidade de seu objeto de

pesquisa e os seus inovadores apontamentos teórico-metodológicos, ao mesmo tempo que disputavam espaços institucionais dentro do sistema de ensino e pesquisa francês. Para além da disputa institucional, tanto Berr quanto os durkheimianos pretendiam expandir seus campos de pesquisa com a busca de novas fontes e formas de análise.

Considerações finais

Procuramos apresentar brevemente a participação dos sociólogos durkheimianos na *Revue de synthèse historique*, como reflexo de um sistema de ensino e pesquisa em processo de modernização e expansão em que os referidos pesquisadores atuaram com vistas à profissionalização em suas respectivas áreas (RINGER, 1992). A proposta editorial da revista, focada em discussões teórico-metodológicas da área de História, assim como os sociólogos, que se propuseram a criar e defender uma abordagem científica para a Sociologia, contribuíram, em ambos os casos, para se obter uma presença mais significativa no campo intelectual francês e se afastar de um diletantismo de discussões tidas como literárias.

Marcel Mauss e Émile Durkheim questionaram, em um primeiro momento, se ocupariam esse novo espaço que surgiu no campo historiográfico francês. No entanto, acabaram aceitando a proposta de colaboração e, ainda que de maneira inconstante, marcaram presença nos primeiros quatorze anos da RSH, como mostra o Gráfico 1. Embora tenhamos notado uma maior participação de durkheimianos marginais, como os irmãos Bourgin, dentro do projeto da *l'Année sociologique*, de uma forma ou de outra a maior parte dos sociólogos durkheimianos esteve presente na RSH.

Os temas abordados normalmente se relacionavam à formação acadêmica inicial dos autores, como nos casos de George Bourgin e Paul Huvelin, que publicaram textos sobre a História da Itália e a História do Direito, respectivamente. Apesar dos receios em participar do projeto berriano, os sociólogos utilizaram o espaço da revista para divulgar suas propostas teórico-metodológicas inovadoras a outros pesquisadores das Ciências Humanas. Henri Berr e outros pesquisadores da área da História também debateram temas caros aos sociólogos, como a relação entre o indivíduo e a sociedade.

Henri Berr, com sua trajetória diversificada entre várias áreas do conhecimento, defendia a importância do indivíduo no direcionamento da sociedade. Como investigadores do social, os durkheimianos tendiam a dar maior primazia à sociedade, sem deixar de lado o papel do indivíduo, como François Simiand (1903a; 1903b) defendeu em seus textos. A diferença se deu então no peso que o indivíduo deveria ter

nas análises sociais — um agente com poder de transformação da sociedade ou um ser moldado pela sociedade, com pouca margem de manobra. Com o objetivo de resolver os debates entre Gabriel Tarde e Émile Durkheim, propôs sua teoria da síntese científica, que não logrou sucesso entre outros pesquisadores. Berr acreditava ter encontrado uma forma de levar em conta tanto o individual quanto o social, sem dar peso em demasia para nenhum destes dois aspectos analíticos. Já os durkheimianos continuaram rebatendo as críticas que recebiam na época, tanto de Berr quanto de outros, e reafirmaram a preponderância do social nas análises científicas sem deixar de lado o individual, buscando defender a Sociologia como uma nova disciplina. Tais debates podem ser vislumbrados dentro de uma perspectiva do *campo intelectual* proposto por Pierre Bourdieu (1983), caracterizado como um espaço de lutas onde está em jogo o monopólio da *autoridade científica*, ou seja, “o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado” (BOURDIEU, 1983, p. 123). Assim, Henri Berr e os sociólogos durkheimianos estariam disputando a legitimidade e a institucionalização de suas disciplinas, a partir de suas propostas teórico-metodológicas.

Longe de buscarmos concluir uma questão tão ampla como o debate entre historiadores e sociólogos acerca do social e do individual, procuramos analisar a participação dos durkheimianos na RSH e o debate entre Henri Berr e os sociólogos. Ademais, ampliamos as possibilidades de pesquisas que investigam a atuação dos sociólogos para além da *l'Année sociologique*, na mesma linha da pesquisa de Rafael Benthien (2011). A presença dos durkheimianos na RSH demonstra uma atuação mais ampla, buscando ocupar diferentes espaços e mobilizando seu arsenal teórico-metodológico inovador. A *Revue de synthèse historique* teve um papel importante em abrigar diferentes discussões e debates teóricos dos mais diferentes pesquisadores, passando por Paul Lacombe, A. D. Xénopol, Karl Lamprecht, Ernst Bernheim, Heinrich Rickert, François Simiand e outros (DRIGO, 2020). A discussão de historiadores e sociólogos acerca do individual e do social, assim como os demais debates científicos na área das Ciências Humanas, é de longa data e ainda não foi concluída, o que a torna cada vez mais profícua.

Referências bibliográficas:

- BENTHIEN, Rafael Faraco. *Interdisciplinaridades: latinistas, helenistas e sociólogos em revistas (França, 1898- 1920)*. 352 f. Tese (Doutorado) – História Social, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BERR, Henri. Sur notre programme. *Revue de synthèse historique*. T. 1, n° 1, 1900, pp. 1 – 8.
- BERR, Henri. Introduction générale – La synthèse des études relatives aux régions de la France. *Revue de synthèse historique*. T. 6, n° 17, 1903, pp. 166 – 181.
- BERR, Henri. Le progrès de la sociologie religieuse. *Revue de synthèse historique*. T. 12, n° 34, 1906, pp. 16 – 43.
- BERR, Henri. *A Síntese em História* – Ensaio crítico e teórico. Tradução de Julio Abreu Filho. São Paulo: Editora Renascença. 1946 [1911].
- BESNARD, Philippe. La formation de l'équipe de l'Année sociologique. *Revue française de sociologie*. v° 20, n° 1, 1979, pp. 7-31.
- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. IN: ORTIZ, Renato (org.); FERNANDES, Floresta (coord.). Pierre Bourdieu – Sociologia. São Paulo: Ática, 1983, pp. 122 – 155.
- BOURDIEU, Pierre; SAINT-MARTIN, Monique de. As categorias do juízo professoral. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. (orgs.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2001, pp. 185 – 216. [Tradução de Magali de Castro].
- CONSOLIM, Marcia. Émile Durkheim e Gabriel Tarde: aspectos teóricos de um debate histórico. *História. Questões e Debates*, v. 53, 2011, p. 39-65.
- DELORME, Suzanne. Henri Berr. *Osiris*, vol. 10, 1952, pp. 4 – 9.
- DRIGO, Miguel Kancelskis. História como ciência: debates teórico-metodológicos na revue de synthèse historique (1900 - 1914). 276 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.
- DURKHEIM, Émile. [Carta] s/d [para] HUBERT, Henri. Carta presente no Fonds Marcel Mauss - Henri Hubert no Collège de France, na cota 57 CDF 71.
- DURKHEIM, Émile. De la méthode objective en sociologie. *Revue de synthèse historique*. T. 2, n° 4, 1901, pp. 3 - 17.
- DURKHEIM, Émile. Lettres à Célestin Bouglé. *Revue française de sociologie*. vol. 17, n° 2, 1976, pp. 165-180. [Organização de Philippe Besnard].
- DURKHEIM, Émile. Précis de sociologie de G. Palante. *Revue de synthèse historique*. t. 4, n° 10, 1902, pp. 114 – 115.
- DURKHEIM, Émile. Henri Berr, La synthèse en histoire. Essai critique et théorique. Paris: Alcan, 1911. *L'année sociologique*. T. 12, 1913, pp. 26-27.

- FRANÇOIS, Michel. Georges Bourgin (1879-1958). In: *Bibliothèque de l'école des chartes*. Tome 117, 1959, pp. 368-374.
- GEMELLI, Giuliana. Communauté intellectuelle et stratégies institutionnelles : Henri Berr et la fondation du Centre International de Synthèse. *Revue de synthèse*. 4^o série, n^o2, 1987, pp. 225 – 259.
- HUBERT, Hubert.; MAUSS, Marcel. *Mélanges d'histoire des religions*. Paris: Alcan, 1909.
- HUBERT, Henri. Hubert. [Carta] para Marcel Mauss. França, 1900. Carta presente no Fonds Marcel Mauss - Henri Hubert no Collège de France, na cota 57 CDF 71.
- KARADY, Victor. Durkheim, les sciences sociales et l'Université : bilan d'un semi-échec. *Revue française de sociologie*. 1976, v. 17, n^o 2. pp. 267-311.
- KARADY, Victor. Stratégies de réussite et modes de faire-valoir de la sociologie chez les durkheimiens. *Revue française de sociologie*. vol. 20, n^o1, 1979. pp. 49-82.
- MERLLIÉ, Dominique. Correspondance d'Émile Durkheim avec Lucien Lévy-Bruhl. *Revue européenne des sciences sociales*. n^o 55, v^o 2, 2017, pp. 105 – 168.
- MOSBAH-NATANSON, Sébastien. La sociologie comme “mode”? Usages éditoriaux du label « sociologie » en France à la fin du XIXe siècle. *Revue française de sociologie*. vol. 52, n^o1, 2011, p. 103-132.
- MUCCHIELLI, Laurent. O nascimento da sociologia na universidade francesa. *Revista Brasileira de História*. v. 21, n^o 41, 2001, p. 35-54. [Tradução de Fernando Kolleritz].
- PICKERING, William S.F. Gaston Richard: collaborateur et adversaire. *Revue française de sociologie*. v.20, n^o1, 1979, pp. 163-182. [Tradução de Michel Bozon].
- PROCHASSON, C. Histoire et sociologie: Henri Berr et les durkheimiens (1900–1914). *Revue de synthèse*. vol. 117, n^o 1, 1996, pp. 61-79.
- RINGER, Fritz. *Fields of Knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press. 1992.
- SIMIAND, François. Méthode Historique et Science Sociale. *Revue de synthèse historique*. T. 6, n^o 16, 1903a, pp. 1 – 22.
- SIMIAND, François. Méthode Historique et Science Sociale (Fin). *Revue de synthèse historique*. T. 6, n^o 17, 1903b, pp. 129 – 157.

¹O autor agradece ao Centro de Assessoria de Publicação Acadêmica, CAPA (www.capa.ufpr.br) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) pela revisão de língua portuguesa e suporte oferecidos para a redação do artigo.

² O termo *chargé de cours* é o título profissional utilizado dentro da hierarquia universitária francesa, que ia de: *maître de conférences*, *chargé de cours*, *professeur adjoint* até *professeur titulaire*. Cada posição galgada, além de melhorar os salários, também confirmava uma posição mais estável e de maior visibilidade dentro do sistema de ensino e pesquisa francês da época.

³A *agrégation* era um importante concurso que garantia o acesso às mais altas posições do sistema secundário e para consegui-la, normalmente, os estudantes recorriam a cursos na prestigiosa *École Normale*

Supérieure. Apesar de não ser obrigatório para a *agrégation*, o curso preparatório na ENS servia também como um espaço de sociabilidade onde jovens intelectuais teciam relações sociais.

⁴Sobre a conquista de posições intelectuais de destaque no sistema de ensino e pesquisa francês e a consequente institucionalização da sociologia. Cf. Karady (1976).

⁵No original: “Comme toute innovation épistémologique majeure, la sociologie durkheimienne doit sa fortune publique bonne ou mauvaise à la conjonction singulière de cadres sociaux de réception plus ou moins favorables et d’un effort plus ou moins conscient d’auto-promotion” (Tradução nossa).

⁶Entre os anos 1913 e 1914, devido às mudanças internas e à eclosão da 1ª Guerra Mundial, a revista saiu com algumas edições duplas, rompendo com a periodicidade bimestral.

⁷No original: “J’ai vu aujourd’hui un nommé Henri Berr, professeur au Lycée Henri IV, ami de Sylvain Lévi. Il fond chez Cerf une Revue de Synthèse historique. [...] Il est venu me demander ma collaboration pour l’histoire des religion (en partie naturellement). Je ne lui ai pas dit non. [...] Il est tout à fait en sympathie avec nous [...]. D’autre part il me semble utile que nous nous lofions là-dedans, utile pour l’Année, utile pour notre groupe. Nous n’avons pas tant de moyens de répandre nos idées. [...] Je crois qu’une pareille revue peut être une concurrence pour l’Année si nous n’en sommes pas et un excellent appui si nous en sommes” (Tradução nossa).

⁸Essa carta e a resposta de Marcel Mauss, foram transcritas por Rafael Faraco Benthien, a quem agradeço por disponibilizá-las para a consulta.

⁹No original: “En ce qui concerne H. Berr, si j’ai un conseil à te donner, bien net, c’est de ne pas marcher. En premier lieu, ses idées ont l’air d’être plus que vagues. La synthèse historique ne veut rien dire. En seconde lieu, ton raisonnement me semble mauvais quand tu dis : ‘Si on y est, ce n’est pas une concurrence à l’Année, si on n’y est pas c’en est une’. C’est le contraire, quant à moi, qui se produirait, ‘si l’on y entre, c’est une concurrence à l’Année’, parce que l’important est précisément que nous soyions les seuls à faire ce que nous faisons à l’Année et qu’étant les seuls nous ne le fassions qu’à l’Année” (Tradução nossa).

¹⁰No original: “Les instances de Berr ont été tellement pressantes que je me suis décidé à nous joindre à lui; il est entendu que c’est nous qui serons les collaborateurs réguliers de la Revue, pour ce qui regarde la sociologie” (Tradução nossa).

¹¹No original: “Il y aura donc dans cette Revue une part de sociologie positive; et cette part devrait revenir, puisqu’ils ont bien voulu s’en charger, à des collaborateurs de l’Année Sociologique” (Tradução nossa).

¹²Importante apontar que Gaston Richard rompeu com a Escola Sociológica Francesa em 1907. Assim, seus textos publicados na RSH após isso não entraram na contagem. Cf. (PICKERING, 1979).

¹³Para compreender de forma mais aprofundada os aspectos teóricos da obra de Henri Berr, Cf. DRIGO, Miguel Kancelskis. História como ciência: debates teórico-metodológicos na revue de synthèse historique (1900 - 1914). 276 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

¹⁴Para Gabriel Tarde, os fenômenos sociais poderiam ser explicados por uma “teoria da imitação”, enquanto para Émile Durkheim, estes fenômenos seriam explicados pelo “fato social”. Na época, houve um grande embate entre os dois pesquisadores. Cf. CONSOLIM (2011).

¹⁶No original: “l’historien ne peut faire abstraction du variable, de l’individuel qui joue un rôle dans le développement historique ; et le principal reproche qu’il nous adresse est de nier ce rôle. Cependant, dans un passage que cite d’ailleurs M. B., nous avons reconnu que les personnages historiques étaient des facteurs de l’histoire. Mais, outre que nous croyons que leur influence a été grandement exagérée, nous avons montré qu’ils ont eux-mêmes des causes, et, en partie, sociales” (Tradução nossa).

¹⁷No original: “Un mérite capital de l’école sociologique nous paraît être de contribuer, à la suite des anthropologues anglais, à créer une psychologie des esprits primitifs et simples qui réagit contre les idées traditionnelles, de reconstituer une mentalité singulière qui n’a aucun rapport avec la logique classique, avec les procédés discursifs de nos entendements d’Européens adultes” (Tradução nossa).

¹⁸No original: “[...] on nous dit : vous faites de la psychologie sociale, et non de la sociologie. Peu importe l’étiquette. Nous préférons celle de sociologues et voici pourquoi. C’est que nous ne considérons jamais les idées des peuples, abstraction faite des peuples. En sociologie, les faits de la psychologie sociale et les faits de la morphologie sociale sont liés par des liens intimes et indissolubles” (Tradução nossa).

¹⁹No original: “Le social proprement dit, c’est, en définitive, ce qui est fondé sur les besoins d’un groupe permanent en tant que groupe. De là ce caractère d’autorité à la fois consentie et contraignante qui lui est inhérent. La société implique la sociabilité humaine, des facultés humaines ; mais elle constitue, à n’en pas douter, une nature sui generis. Ici l’école durkheimienne a raison, cent fois raison. « La société n’est pas une simple somme d’individus, mais le système formé par leur association représente une réalité spécifique qui a ses caractères propres » ; elle se donne et elle développe peu à peu une organisation qui répond à des besoins spéciaux. Tous les individus qui en font partie, en tant qu’êtres sociaux, sentent plus ou moins confusément ces besoins. Certains les sentent davantage. L’initiative individuelle, l’imitation, les états de sensibilité collective interviennent dans le développement de la société ; mais tout cela, même en affectant l’organisation sociale, ne sert pas toujours les besoins spécifiques de la société. L’étude de ces besoins et

de ce qui, parmi les représentations des hommes, répond à ces besoins, c'est la psychologie sociale. Et l'étude comparée des institutions appropriées à ces besoins, du développement de ces institutions dans son rapport avec les formes de la société, c'est la sociologie" (Tradução nossa).

Artigo recebido em 06 de dezembro de 2021.

Aceito para publicação em 16 de março de 2022.